

SIMONE DE BEAUVOIR : A FILOSOFIA DO SEGUNDO SEXO NO TERCEIRO MILÊNIO

Deise Quintiliano Pereira

Se o ano de 2005 foi marcado por inúmeras manifestações em todo o mundo em torno do centenário de nascimento de Jean-Paul Sartre, o ano de 2006 poderá, com justiça, fazer-nos recordar o vigésimo aniversário do desaparecimento de Simone de Beauvoir. A riqueza de suas idéias, o rigor de sua reflexão e a criatividade de suas análises estão presentes no livro *Simone de Beauvoir Philosophe*, recentemente lançado por Michel Kail, pela editora PUF.

Baseando-se nos argumentos desenvolvidos no *Deuxième Sexe*, Kail remete à questão de fundo “o que é uma mulher?”, levantada por Simone nesse livro, promovendo uma análise aprofundada de sua filosofia. O autor debruça-se, assim, sobre a afirmação da filósofa segundo a qual “a dependência das mulheres não é a consequência de um acontecimento ou de um devir, ela não é *dada*”, apresentando-se, por conseguinte, como um “fato natural”. Essa dependência é sobretudo tributária de uma ausência de respostas que os saberes contituídos revelam-se impotentes e inoperantes a explicar. Com efeito, esses saberes recusam a angústia da tensão de uma existência assumida em sua autenticidade. É a superfície lisa desse lago estático e sem profundidade que Kail se esforça em remexer, com o auxílio dos incessantes questionamentos promovidos por Beauvoir.

Nesse sentido, são fartamente repertoriados os elementos que compõem e definem essa “dominação”: a constituição do vencido como Outro, a complacência das mulheres em face do papel que lhes é atribuído de Outro, as cumplicidades que se opõem a uma tomada de posição com relação à sua própria responsabilidade diante da liberdade; mas, sobretudo, a tese beauvoiriana por excelência, que desnuda os interesses mascarados no confinamento das mulheres na figura desse Outro absoluto, mantenedor da dominação masculina, não podendo mais ser justificada por análises biológicas, psicanalíticas ou provenientes do materialismo. Assim, a concepção de um materialismo renovado pode ser designada a pedra de toque da coerente arquitetura criada por Simone. Redefinindo o termo “mundo”, que ela concebe como linguagem, pois “as coisas nos falam”, a escritora ajuda-nos a compreender a questão da intersubjetividade que transita incessantemente do sujeito ao objeto, reavaliando e modificando a interpretação do estatuto atribuído ao “corpo”.

Demonstrando que para Beauvoir corpo é história, Michel Kail detalha a maneira pela qual a filósofa relê essa inserção real penetrada pela existência, tornando possível uma comunicação vital com o mundo. Beauvoir destaca, além disso, que, apreendido como existência, o para-si anuncia-se um corpo que não poderia ser reduzido apenas à dimensão espiritual e é por intermédio da fenomenologia que sua filosofia busca des-objetivar o corpo e desespiritualizar o para-si.

Essa aproximação das posições de Simone das teses de Merleau-Ponty, defendidas na *Phénoménologie de la perception*, marca uma convergência significativa do pensamento dos dois filósofos, articulando um diálogo polifônico entre Beauvoir, Merleau-Ponty e Sartre. Nesse momento, que precede a “fase ultrabolchevique” do Sartre dos *Communistes et la paix*, Merleau-Ponty considera ainda que Sartre é capaz de pensar a ação de modo diferente de “ação pura”, regida por diretrizes de um voluntarismo irrefletido, capaz de restringir seu pensamento à filosofia de um sujeito substancial.

Numa linguagem precisa, Kail desvela o complexo nó entre a compreensão radical e equivocada que Merleau-Ponty faz das posições sartrianas e o meio termo que habilidosamente Simone consegue depreender quando libera a autêntica ontologia sartriana da “caricatura” proposta por Merleau-Ponty, questionando a existência do “intermundo”, palavra-chave que define a concepção filosófica deste. A adesão às inovações sartrianas que desarticulam os elos do tradicional dualismo sujeito-objeto, a preeminência do modelo reflexivo e do voluntarismo, com relação à análise sartriana da distinção entre a liberdade e a vontade, a denúncia do modo como os homens relegaram as mulheres à categoria do Outro e, finalmente, a abertura de uma via ao antinaturalismo sistemático, revelam-se os temas fundamentais que embasam o *Deuxième Sexe*.

A contribuição original que o pensamento beauvoiriano denota, de maneira rigorosa, consiste, segundo Kail, numa teorização da situação e da liberdade humana no espaço político. Recusando o dualismo do sujeito (que Sartre se esforça em dessubstanciar) - objeto (a partir do qual Merleau-Ponty interroga o conceito de natureza), Beauvoir ocupa-se em analisar a relação entre filosofia e política, concentrando-se na avaliação de uma condição definida: a opressão das mulheres. Desse ponto de vista, liberdade e situação não representam termos justapostos na sua reflexão; o que conta efetivamente é a *relação* da liberdade enquanto “desvelamento da existência” e da *situação*, apresentando-se como o “desvelado”, cindido pela liberdade da subjetividade e a dos outros, à medida que “todo homem relaciona-se com todos os outros”.

Fundamentando-se nos estudos de Sonia Kruks, a leitura de Kail evidencia a influência que Beauvoir exerce sobre a filosofia de Sartre no momento em que este assume, a partir do fim dos anos 1940, uma filosofia do social que reavalia sua concepção individualista da liberdade que não figurava ainda em *L'Être et le Néant*, enquanto a filósofa a desenvolvia desde o início dos anos 40.

O poder do opressor provém de sua impossibilidade de reconhecer no(a)s oprimido(a)s sua capacidade de existência ou de antecipação de uma situação por vir ou de um porvir aberto. Esse fechamento do futuro é marcado pela reificação, posto que limita essa antecipação a um caráter imaginário ou a um *status* de devaneio para ancorar a liberdade nas margens da condição humana. Tais fronteiras não delineiam, na realidade, um limite para a liberdade uma vez que essa não pode jamais existir fora de uma situação dada. A importância atribuída ao corpo permite-lhe desembaraçar sua análise do fisiologismo ou do biologismo, uma vez que as relações humanas revelam sua face intramundana, na qual a noção de corpo não se distingue da consciência. Nesse sentido, o para-si que é o sujeito não se abriga numa pureza cristalina, ele é antes uma liberdade situada e socialmente condicionada, donde a interdependência das subjetividades que abre espaço para a fragilidade do sujeito.

O debate sobre a aceitação da dominação pelo sujeito permite a Kail fazer eco à voz de Sonia Kruks que passa em revista o aspecto fundamentalmente inovador da crítica de Beauvoir aos detratores do *Deuxième Sexe*, porque a filósofa, diferentemente de Sartre e de Hegel, lança um apelo a uma concepção de graus de liberdade, esfumando o limite preciso entre ação livre e ação coercitiva, ambas estando submetidas às situações sociais capazes de transformar a própria liberdade.

O problema que se impõe não é então o da alteridade feminina, simplesmente, mas o da alteridade não recíproca da mulher pelo homem. A constituição da mulher como um Outro desigual e submisso requer, destarte, uma reflexão profunda. Kail sublinha o aspecto original contido no pensamento de Beauvoir: a necessidade de legitimação da dominação por parte do(a) dominado(a), pois nela inscreve-se igualmente a margem de manobra do(a) oprimido(a). Em outros termos, nenhuma dominação seria capaz de escapar ao questionamento do Outro nem à possibilidade de erro, o que implica um risco para o opressor que tem consciência

disso, reforçando a perspectiva de uma universalidade humana de liberdade. A proposta de Beauvoir de sugerir para cada caso particular uma solução inédita introduz uma novidade radical – toda liberdade está em jogo diante de outra.

Esse raciocínio desemboca nas interessantes análises de Kail sobre “o paradoxo e a liberdade”. Chamando nossa atenção para o fato de que para Beauvoir nossas relações com os outros não são nunca cristalizadas, mas construídas a cada instante, o autor indica como para a filósofa insinua-se o conceito de imprecisão na precisão, na definição da lei da condição humana: “nesse quadro preciso, a imprecisão é a regra, cada ato de um sujeito isolado por sua subjetividade tornando-se o dado do ato de um sujeito isolado por sua subjetividade. Não há totalização possível, pois quem pretendesse operar uma tal totalização reforçaria, de modo contrário à sua intenção, a imprecisão”.

A humanidade é uma seqüência descontínua porque os atos nunca são transmitidos por qualquer atavismo possível; eles constroem-se *de per se*; toda tese que tente completar essa descontinuidade remete ao conceito de natureza humana. Desvencilhando-se da dialética no tratamento do paradoxo, Beauvoir mostra que ele é a própria verdade da condição humana. Diferentemente de Hegel, que reconhece o paradoxo para julgá-lo intolerável e miscigenado com a contradição, Beauvoir desvaloriza as estratégias discursivas que se esforçam em ultrapassá-lo, qualificando-as de inautênticas.

A hermenêutica beauvoiriana inscreve-se, então, na lógica do paradoxo, das ambigüidades e das relações, que, longe de engessá-la numa psicologia behaviorista, encaminha-a para o horizonte aberto da liberdade em situação. É a partir da relação entre escritura e perversão, aliás, que o estudo de Sade (“Faut-il brûler Sade ?”) pode corroborar as reflexões filosóficas de Beauvoir. Levando a condição humana ao seu limite, a conjunção da sexualidade e da literariedade, circunscrita no termo “excesso”, permite a Sade conceber, segundo Simone, a ética como obra

literária. Por essa razão, o erotismo de Sade e sua noção de crueldade, compreendidos em toda a sua complexidade, abrem uma via de passagem que nos conduz à significação ética de sua obra, não se reduzindo a um biologismo, mas nos incitando a considerar a sexualidade como um fato social.

Compreendido como espetáculo por intermédio da circulação literária, o ato erótico lhe oferece uma legião de leitores-*voyeurs* que nenhuma orgia poderia lhe oferecer. Trata-se de uma literatura que, precedendo o advento da psicanálise, refere-se ao imaginário, graças a seu poder de representação pela escritura, o que permite ao marquês escapar de toda espécie de determinação ou determinismo, visto que a literatura explícita, ao mesmo tempo, toda inquietude ética do escritor. A afirmação de Sade de acordo com a qual tudo que é humano acontece na terra remete à célebre sentença de Terêncio: “homo sum : humani nihil a me alienum puto”, em conformidade com as metamorfoses do séc. XVIII que substituíram a idéia de Deus por uma mais adequada de *physis*, uma vez que o desejo sexual confunde-se com o próprio movimento da vida. Todavia, a leitura de Sade não se reduz a uma exaltação do instante natural que ressuscita a sexualidade. O escritor vislumbra na mesma, igualmente, um convite ao crime. Ao mesmo tempo que Sade constata o caráter voraz dessa natureza, por uma decisão ética original – adverte-nos Kail – o homem pode escolhê-la, aceitando o crime : “sigamo-la !”.

A destruição dos valores transcendentais, bem como o anti-determinismo e o ateísmo de Sade, lançam luz sobre o propósito beauvoiriano de estabelecer uma nova concepção de “mundo”, segundo a qual apenas o erotismo designaria um modo de comunicação possível entre os homens. Beauvoir reconhece em Sade o enorme “poder de incitação à reflexão” notadamente nos domínios da sexualidade e da ética.

O fato que a sexualidade represente uma expressão concreta da existência e que ela não se anuncie em Sade como um dado irredutível permite que a filósofa antecipe a discussão teórica

engendrada nos trabalhos atuais sobre a distinção entre sexo e gênero, o que leva Christine Delphy a afirmar, em 1989, que, se a primazia do sexo sobre o gênero é explicável historicamente, ela não o é teoricamente. Dito de outra maneira, Delphy desmente a antecedência do sexo sobre o gênero e aceita a precedência do gênero sobre o sexo, admitindo que o sexo (homem/mulher) só existe porque a sociedade o constrói enquanto tal a partir do gênero (masculino/feminino).

Sem *parti pris* assumido, as contradições e os paradoxos assinalados por Beauvoir entre o desejo de libertação da dominação de um lado e o medo de uma real liberação das taxinomias categoriais de outro são evidenciados. Pela análise da “opressão”, na sua acepção política, o pensamento beauvoiriano distingue-se da doxa, que prefere aludir à “condição feminina”, servindo-se de uma explicação de base naturalista para a avaliação desse fenômeno social. Os princípios da biologia reforçam a hostilidade que suscita o termo “fêmea”, com relação ao “macho” e Beauvoir os evoca para demonstrar a tese central do *Deuxième Sexe*: “a mulher é o Outro porque ela é apenas o seu sexo, num mundo no qual o princípio é fundamentalmente masculino”. Por essa razão, as teses da biologia apressam-se em confirmar os lugares comuns masculinos que Beauvoir obstina-se em desmascarar quando discute os preconceitos que integram os fundamentos ontológicos da diferenciação sexual.

Com efeito, no que diz respeito à manutenção da espécie humana pela fêmea, Beauvoir observa que o embrião define-se como um germe andrógino, em função da perpetuação do embrião do pai ou da mãe: “a mulher como o homem é corpo: mas seu corpo é algo diferente dela”. A noção de sexo mostra-se assim muito complexa, escondendo atrás de si a noção de gênero, os “fatos exatos” que só existem em relação, como fatos significantes que permitem à sexualidade manifestar-se enquanto existência. O que conta é corpo concreto vivido pelo sujeito mais do que o corpo-objeto descrito pela ciência, pois “não é a

natureza que define a mulher: é esta quem se define tomando a natureza sob sua responsabilidade, na sua afetividade”.

Mesmo reconhecendo a contribuição da psicanálise em detrimento do modelo da psicofisiologia na análise da sexualidade, Beauvoir persevera num ponto decisivo para a compreensão do fenômeno: não há qualquer via de acesso, senão a da existência, capaz de permitir a descoberta das significações do corpo e da sexualidade. A escritora esclarece ainda que a psicanálise mascara a perspectiva existencial no momento em que confina a mulher à categoria de Outro: “o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: cada vez que ela se comporta como ser humano, diz-se que ela imita o macho”. O movimento que permite à reflexão beauvoiriana ultrapassar as perspectivas dos três grandes discursos – da psicanálise, do materialismo histórico e da biologia – é a atenção que ele concede a um “projeto fundamental do existente transcendendo-se em direção ao ser”. Essa hipótese remete à “escolha original” intentada pela “psicanálise existencial”¹ de Sartre, que leva em conta “o homem como totalidade e não como uma coleção”, e que considera cada ato humano, por mais insignificante que seja, revelador para a análise crítica. Beauvoir reivindica uma dimensão da liberdade situando a mulher num mundo de valores no qual ela deve inventar novas soluções a cada momento, com vistas a transcender sua alienação como objeto.

Kail nada esconde das dificuldade que Beauvoir encontra ao recorrer à ontologia, em detrimento da sociologia, por exemplo, para explicar o “ela não é dada” que constitui o fio condutor de sua leitura. De fato, é a ambigüidade ontológica que exprime as condições sociais da existência, e ao advertir-nos de que só existem relações, a ontologia desqualifica a natureza, a biologia e o sujeito substancial. Os novos caminhos abertos pela reflexão de Beauvoir, apregoando a eterna vigilância, permitem-nos elaborar uma exposição sistemática que até então a filosofia não tinha efetivamente construído sobre essa problemática e a análise de Kail nunca desfaz os pontos de tensão, de paradoxo ou de contradição

inerentes ao pensamento beauvoiriano. Ela os leva em consideração, explorando a riqueza e a originalidade nas quais repousam os alicerces dessa articulação fortemente trabalhada, instituindo, seguramente, o maior mérito que se pode atribuir a esse pequeno grande livro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KAIL, Michel. *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris: PUF, 2006.

NOTA

¹ Método que visa à compreensão de um indivíduo integrando sua liberdade e o condicionamento do qual ele constitui o objeto.